

# O AMIGO DO POVO.

PERIODICO POLITICO.

Este periódico sahe duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente ás pessoas pobres que souberem ler e que se apresentarem a receber-o na typographia onde é impresso. Aceita-se assignaturas (que fica a arbitrio quanto á importancia, não excedendo de 2\$000 reis por trimestre.)

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno I.

Theresina 13 de Agosto de 1868.

Numero 2

## O AMIGO DO POVO.

Theresina 12 de Agosto de 1868.

Em a parte noticiosa do 1.º numero d'este periodico, apresentamos á consideração dos nossos leitores a integra de um projecto de lei que havia apparecido em a nossa assembléa provincial; projecto que não duvidamos, ainda, em classificar como eminentemente liberal e digno de séria meditação; a pesar do fim desastrado que alli teve, cahindo logo em 1.ª discussão.

Hoje vamos tomar o trabalho de reproduzir, pouco mais ou menos, os mesmos—principaes—argumentos do autor d'aquelle malfadado projecto,—em ordem a demonstrar, sobre tudo, a sua utilidade e exequibilidade,—aliás negadas por intelligencias a quem muito respeitamos.

O autor do projecto em questão, encarou-o de baixo de quatro pontos de vista; no que estamos de perfeito accôrdo. Eil-os:

1.º Sob o ponto de vista *economico*, a lei seria *justa ou pelo menos equitativa*, por duas razões principaes, que veem a ser: 1.ª porque, para ser entre nós uma palpavel realidade o *auxilio mutuo* que o homem em sociedade deve prestar ao seu semelhante,—o proprietario da casa que pagasse *decima urbana* devia, pelo menos, coadjuvar, por meio d'esse imposto,—áquelle q̄ não se achasse em condições tão favoraveis, visto ter por morada uma simples palhoça,—e então, com o auxilio prestado, poderia ser melhorada a habitação do proletario. A 2.ª razão, de vantagem *economica*, em favor da lei projectada,—era a de estimular o pobre, que adquiriria assim mais *amor ao trabalho*, logo que podesse contar com uma mão generosa que viesse em seu soccorro, quando mais necessaria lhe fosse ella,—essa *mão generosa* que quasi nunca apparece, porque, por via de regra, para o filho do povo só não faltão mãos oppressoras! . . . .

2.º Sob o ponto de vista *administrativo*, a lei seria incontestavelmente *util*, porque traria como consequencia inevitavel,—fosse embora um pouco tarde,—o *melhoramento material* da cidade; por quantos negavel que, desapparecendo 530 casas de para dar logar a outros tantos telheiros, em

alinhamento, o aspecto da cidade não seria tão miseravel como é em geral nos arrebaldes, aonde vivem as classes menos favorecidas da fortuna.

3.º Sob o ponto de vista *policia*, a lei seria *previdente*; por quanto, tenderia a evitar os incendios, que são tão frequentes nas choupanas que circundão a cidade: 20 ou 30 palhoças que fossem cobertas de telhas, annualmente,—serião de menos outros tantos focos de catastrophes semelhantes a que presenceou esta capital em 8 de setembro de 1866.

4.º Finalmente, sob o ponto de vista *politico*, a lei seria *bella*; uma vez que tivesse em vista não só o bem estar material do individuo, como a *elevação moral do cidadão*,—garantindo-lhe mais independencia, visto q̄ esta augmenta na razão da maior *abastança* que se goze. Alem disso, a lei projectada, daria, necessariamente, muita força moral ao presidente da camara; chamado assim a desempenhar junto do povo uma missão das mais importantes: tanto isso é verdade que, não duvidariamos apostar 100 contra 1, se apparecesse um homem verdadeiramente bom e honrado que tomasse a peito a boa execução da lei projectada,—esse homem ao cabo de 4 annos, teria feito serviços reaes á sua patria e seria considerado—como que necessario—pela maioria de seus concidadãos, que, em vez de venderem seus votos como nas *saturnaes electoraes*, dal-os-lhão espontaneamente áquelle que tivesse sido em miniatura o presidente de uma republica bem constituida. . . .

« Isto é uma verdadeira utopia » gritar-nos-hão os homens que descrêem das grandes emprêsas . . . Nós porém, dir-lhes-hemos apenas que,—o Sr. conselheiro Saraiva tambem passou por *utopista* quando teve a idéa de mudar a capital desta provincia para uma chapada aonde não havia uma casa sequer; e entretanto, apesar dos incredulos de então, a Theresina existe hoje em condições mais favoraveis que a velha Oeiras.

« Mas, a mudança de uma capital, não é para comparar-se com uma *insignificante questão de telhas para os preguiçosos que as não querem fazer para suas proprias casas!* » Dirão algures os homens que timo de aguias porque sabem achar o ridiculo *ao pé da letra*, encarando fixamente para o vocabulo, mas perdendo de vista a idéa. . . .

Com essa turma de *sábios* não argumentaremos; porque são *meninos vivos de mais, sempre travessos e galhofeiros*: esses taes são capazes até de zombarem de Christo, por ter tido o *mão gosto de nascer em um presepio; quando lhe fôra facil ter vindo ao mundo em palacios mais magnificos do que os das Mil e uma noites!*

— Não argumentemos, pois, com essa gente que é capaz de soltar uma blasphemia, quando tem certeza de que ella poder-lhe-ha valer o epitheto de — *espiritoso*.

O Sr. J. Alexandre Teixeira, como todos sabem aqui, por vezes tem dito: « Nesta terra não ha acto serio. » E' por isso que estamos, talvez em demasia, prevenidos contra os *dizedores de bons ditos* a quem, infelizmente, quasi sempre, se presta mais apurada attenção do que aos homens graves.

Lembrem-se, porem, os gaiatos, de que — o espirito muito apurado torna-se volátil. . . .

Deixemos, entretanto, de parte — aquelles que nos fizerão transgredir do nosso fim principal: voltemos ao que importa.

Tratemos de mostrar que não é *inexequivel* o projecto de lei de que ora nos occupamos.

## PARTE SYNTHETICA.

### Maximas e pensamentos.

Sois santos; ou sois *frivolos*, — homens eternamente risonhos! . . . Se sois santos, é invejavel o vosso jubilo celestial; se sois frivolos, deve-se ter de vós — commiserção profunda! . . .

Um homem *frivolo* é uma osga; todavia, ha gente que gosta dos taes a quem chamão engraçados!

Pode-se fazer rimar — *patriota* — com *fatiota*, *idiota*, e outras bagatelas; conforme o *bom gosto* do poeta que estiver escrevendo a epopêa da desmoralisação. . . .

E' *indigno* quem não respeita a dignidade alheia. Este axioma devêra ser a constante legenda de todos que por ahí aspirão a ser cavalheiros.

Ha entre os homens uma especie que se poderia chamar — *suina* — a qual, abandonando a agua christallina, atira-se aos charcos — aonde se refocilla.

A maior parte dos homens costuma condemnar peremptoriamente os *caprichos* alheios; ainda mesmo que estes não sejam muitas vezes se não um *timbre* bem entendido, que todo homem honrado deve ter; ao passo que justifica absolutamente os seus proprios caprichos, — os mais insignificantes, — embora não sejam elles senão a consequencia de uma vaidade estúpida, torpe, e egoista.

Ha corações, linguas e miolos — que podem ser representados no reino vegetal pelo *amigo da aro-*

*eira*, — pelas *folhas da ortiga*, pendões das *cannas* quando es

Um homem de nobres ser uma sociedade egoista, envi como um desses *fiéis* da a pagãos crueis: ou fraqueja, ou, então, accenta heroica rio. . . .

O *bom senso* é um espirito volátil, que foge de muitas cabeças humanas: deformes, teias, bonitas, e lindissimas! . . . As vezes, chega a não ficar alli, — nem si quer, o mais leve cheiro de tão preciosa essencia! . . .

A *falta de respeito* é muitas vezes a legitima consequencia de discussões intempestivas que forão imprudentemente admittidas pelo mais digno dos contendores.

Um homem que n'algum tempo tivesse sido *louco*; ainda assim, pode ter *mais juizo* — do que aquelles que não podem temer a perda de uma coisa que elles nunca tiverão.

Abençoada a *loucura* que faz commetter acções nobres e generosas; malhita a *razão* que só sabe curvar-se, mesquiuba, diante do sordido interesse!

## TRANSCRIPÇÃO.

### O que são e o que serão os liberaes.

No Brasil o partido liberal é muito grande, muito numeroso.

Mas ha divisão nos arraiaes, e com ella a fraqueza e a esterilidade agora, e mais tarde a dissolução e a morte.

As causas da divisão são umas internas e outras externas.

Entre as primeiras estão: divergencias mais ou menos profundas em pontos de doutrina; odios e resentimentos pessoaes; a desharmonia das ideias e dos interesses.

As segundas se podem reduzir á esta cathegoria: — *intriga dos inimigos*.

Essas causas produziram uma triplíce divisão.

A primeira comprehende os liberaes que se chamam progressistas e estão no governo do paiz.

A segunda se compõe dos que aferrados ao dogma constitucional e ás tradições da nossa politica, luctam mais contra a actualidade pessoal do que contra a real.

A terceira consiste n'essas forças, que se arredam mais ou menos das leis da gravitação á roda do centro do nosso pacto politico.

Ha liberaes dentro dos muros do governo.

Ha os fora dos muros do governo.

Ha os fora dos muros da cidade.

Esta é a realidade das cousas. Eu a vejo, estudo-a com imparcialidade.

## I.

Porque é grande e numeroso o partido liberal no Brasil?

Vejam as razões.

Ainda está por escrever uma historia geral da civilização na America desde o principio do seculo XVI até este momento.

O indagador philosopho, que, unindo o methodo de Guizot com o de Laurent, examinasse um á um os elementos da vida americana, e, prezas as novas gerações na cadêa universal, estabelecesse a verdade dos nossos destinos, escreveria por certo esta sentença: aqui é o ponto do meio da historia do mundo.

Não temos forças para ir sondar esses profundos segredos da humanidade, nem cabe aqui tão difficil investigação.

A these é esta: ha uma vasta e forte tendencia americana que arrasta a nossa vida para as ultimas soluções do problema social.

No norte o admiravel desenvolvimento dos Estados-Unidos, onde a energia e a perseverança insitas das raças da Germania, augmentadas pelas crenças vigorosas dos velhos puritanos, tirou do seio fecundo da terra a opulencia, e do seio ainda mais fecundo das verdades de 43, de 68, e de 89 a liberdade, as ideias de alguns publicistas—que a Europa chama sonhos enganadores—são magnificas realidades e o progresso é rapido como ainda não se viu em parte alguma.

E Traddens, Stevens e outros que são mais que Ireton, Milton e S. Just, os utopistas vão assentando sobre o sólo revolvido por extraordinaria guerra civil o *nivel* condemnado pelo direito publico secular.

No meio, no lado occidental e no sul, os descendentes de um grande mas infeliz povo, desbaratam as energias naturaes na guerra civil, quebram todas as formas consagradas da sciencia politica, e, como torrente fóra do leito, correm para o desconhecido com uma força desesperada.

E' que para elles todo o passado é impossivel, e o futuro ainda está longe.

Seja porém como fôr nas mais sabias combinações da politica europeá, mais adiantadas, ainda se verão aquellas liberdades, que hontem os emissarios secretos do cazarismo foram insultar no mallogrado congresso de Genebra.

E nesses paizes a virtude do progresso não está principalmente, como uma vista superficial das cousas poderia suppor, no grande numero das locomotivas, das machinas de vapor e de todas as conquistas do trabalho sobre a natureza material, nem nos excessos de uma democracia mal soffrida, e quasi sempre ensanguentada.

Esse ruido exterior é signal de um viver mais profundo e mais real, que por força se manifesta ou nas artes da paz, ou nas destruições da guerra.

A vida está ahí sobretudo nas grandes aspirações da liberdade que vae cada dia transformando o direito publico e privado segundo as mais avançadas ideias da philosophia.

Está nas esperanças que dá uma constituição social, que se presta maravilhosamente ás mais ousa-

das applicações da doutrina democratica, desde o mais alto direito do espirito até o mais largo esforço da materia.

Está nas ambições de realizar tudo quanto é possivel no immenso campo da perfectibilidade dos individuos e dos povos, e na facilidade com que se pode caminhar para o futuro, sem necessidade de ir amontoando ruinas sobre ruinas de tradições.

Está na crença e no poder de ir ampliando sempre as espheras da existencia—crença que não morre sob os destroços de Sumter nem sob o revólver de Booth, nem em todas as desgraças que affligem essas nações—poder que não se anniquila nem com as quedas do rei algodão, nem com as bancarotas mexicanas, nem com todas as crises da fortuna e da segurança publicas e particulares.

Ahi pode-se dizer, como o pai da historia dizia de um povo igual no genio e no infortunio, a vida não está fechada dentro das paredes do Parthenon, nem nos outros monumentos da victoria, e muito menos nas imagens da miseria publica, porque está no coração de todo o homem.

Esses povos vivem muito, porque não ha obstacolos para os seus melhoramentos; não ha compromissos e velhos estatutos que lhes embarcem a liberdade.

A fatalidade historica que impõe lentas evoluções á marcha das sociedades abdicou na America.

A logica deixou as premissas no velho mundo e veio tirar apressadamente as conclusões do grande syllogismo humano no novo mundo.

Que rode o Vico dentro do seu circulo fatal: que o moderno Agostinho se esforce para ver a aurora; estão muito longe; e ella allí está sobre os Andes.

E podia o Brazil escapar á influencia geral das ideias americanas, e ser aqui o que são os paizes excentricos das outras regiões?

Creio que não.

Começaram no mesmo dia as tres civilizações que dominam neste continente, e entre povos coevos não ha razão de desigualdade moral.

Entre os nossos ascendentes não havia tal differença de intelligencia e de força, que fizessem de algum delles raça eleita para ir na frente das sociedades transplantadas.

Grande desgraça seria a nossa, se estivessemos em segundo grão na escala da capacidade.

A lei das absorpções acharia ahí materia.

O Brazil está no circulo de um systema: necessariamente ha de receber a acção dos principios geraes.

Quando menos, a tendencia progressiva, que precipita a actividade dos outros gaupos americanos, se faria sentir em nossas cousas de maneira, que estivessemos no parallelo das nações mais adiantadas da Europa.

Mas não é somente por força das leis geraes do desenvolvimento humano, que no Brazil o principio liberal é preponderante.

Examinem os entendidos este assumpto de alta philosophia.

Ha muitas outras considerações.

O nosso desenvolvimento não tem sido na razão das nossas forças.

Em nem uma sociedade a acção das causas resistentes foi tão energica e damnosa.

Tomou-se uma forma de governo, quando foi de nossa organização politica, e fechou-se arbitrariamente dentro desse molde a nossa vida nacional.

As bases da nossa *carta constitucional* e toda a construção do grande edificio, nem nasceram de um estado preexistente como as instituições organicas da Inglaterra, nem souhavam comprehender as necessidades do futuro.

Das instituições assentadas em *taboa rasa* so podem fazer a ventura dos povos as que, sem encadêar o dia de amanhã, abrem larga estrada por onde se possa caminhar desempeçadamente.

Querem fundar uma sociedade inteiramente nova, sem laços com o passado, como fizeram Lycurgo, Locke, e Sieyes, varrer bem o sólo onde se ha de fazer a edificação

ainda não vista, é conza difficilima pelo duplo trabalho de educar e conter dentro das regras estabelecidas.

Quasi sempre acontece que o espirito publico se perverte e se precipita.

É muito custoso mudar de regimen; não é mais custoso ainda achar um melhor que o que se abandona.

E quando o primeiro estado é impossível, e o segundo não é bom, aspira-se á um terceiro.

D'ahi a maioria dos que querem o movimento, o melhoramento.

A frequencia das nossas reformas em pontos secundarios da legislação, a multidão das leis regulamentares, a constante modificação da forma sem alteração do fundo, e o mal estar das cousas, e a auca continua dos espiritos revelam que nós andamos como os marinheiros de Ovidio, que quebravam sempre os seus navios na *pedra do meio*.

Tiram-se muitas, muitas linhas, mas sempre do ponto A—para o ponto—B.—

O discipulo trêfego passa a esponja para apagar o erro.

Não é preciso tanto, diz o velho professor de Florian, faça o circulo maior.

Ainda ha outra razão.

Nos paizes onde não ha uma aristocracia rodeada de elementos reaes, que superem ou contrabalancem as outras forças sociais, pode-se dizer que é bem fraco ou quasi nullo o principio conservador.

Os cidadãos que formam um partido com este nome nunca acharam um symbolo claro para as suas creuças, pois que feliz ou infelizmente sem pessoas, sem familias ou sem classes, isto é, sem o elemento concreto de factos, tradições, memoias e monumentos não ha formação partidaria.

É assim que a vaga expressão—*conservar*—serve de bandeira na falta de conza melhor, e com extrema facilidade os conservadores, que por via de regra são liberaes sem o saber ou sem o querer, se confundem com os do partido opposto.

A consequencia natural desse estado de couzas é a amplitude sem regra do partido liberal, a incerteza dos seus elementos, a extensão sem limites de suas ambições, o grande numero dos amigos falsos, a variedade infinita das côres, e a indisciplina dos homens.

No seio desse grande grupo de contornos oscillantes ha sentimentos e ideias de toda a sorte, desde a timida e fria fé na liberdade e a pouca previsão de seu futuro, desde o calculo egoistico e a cobiça mallograda até a esperança arrojada e a coragem das revoluções.

Esté é o aspecto geral dessa sociedade.

É possível que no dia das grandes perturbações haja além das bayonetas assalariadas, um grupo *conservador*; mas o que sôe acontecer é que o dilavio liberal tudo assoberba.

Nos dias tranquillos o fermento estende-se por todo o leito seguro (*alveum solidum*) da sociedade.

Nos mãos úias ha muita vaga e muita espuma.

Ainda mais.

Nos paizes, onde as liberdades vivem á par de suas antitheses naturaes, o partido dos que querem as reformas deve ser o mais numeroso.

Está na natureza humana a necessidade de eliminar o mal, que obsta ao pleno gozo do bem.

É só alguns espiritos, ou inteiramente retrogados, ou em extremo receiosos de mudanças, ou já inimigos de toda a luz, podem amar as instituções servis á ponto de erigil-as em artigo de fé politica.

Entre nós, com amplos direitos politicos, que entretanto não são os mais amplos direitos do homem, co-existem a escravidão e tantas outras restricções de liberdade, que embora inferiores á *summa privação* della, estão em constante antagonismo com a vida e a creença da nação.

Em tal situação é absolutamente impossível a conservação do *status quo*.

A tendencia de reforma é geral.

Tambem entre nós rarissimos são os que estão de todo contentes com o presente: e aberto o campo das aspirações a generalidade dos homens quer muito.

O sentimento mesmo dos povos, diz Chateaubriand, tem fluxos e reflexos como o oceano.

Pode ser que tenhamos um momento em que recuemos.

Por ora todos querem ir para diante

Ainda mais.

Por felicidade ou infelicidade dos governos monarchicos, nas modernas organizações politicas, são elles reputados como de todo compatíveis com as mais completas conquistas da liberdade.

Alguns exemplos que a historia de hoje vai registrando, as theorias de uma escola de publicistas que dominam a opinião geral, e sobre tudo o esforço com que a humanidade harmonisa os seus elementos tradicionaes com as suas melhores esperanças, formaram a quasi universal convicção de que a realza pode unir-se com a democracia, como as pedras dos palacios dos reis com as pedras do Capitolio.

Todos aceitam esta creença.

Os que vêem melhor crêm sinceramente, illudem-se, ou illudem.

O povo recebe a fé, e adormece.

Fica a instituição monarchica na base da sociedade.

Sobre ella traçam-se os planos das mais largas concepções.

Ninguem teme a ousadia liberal.

As mudanças exteriores não fazem mal: *innocua machina superior, quia fundamentum immotum*.

(Da Opinião Liberal.)

## PARTE NOTICIOSA.

MISSÃO.—O Revd. Fr. Luiz de Gubbio, concluiu no dia 9 a sua missão evangelica; durante aqual confessarão-se 4:034 pessoas, segundo nos informão.

SUFFRAGIO.—No dia 10 houve um officio funebre, na matriz do Amparo, promovido pelo Revd. Fr. Luiz de Gubbio, por alma dos voluntarios da patria, filhos desta provincia,—mortos nos campos do sul. S. Revm.<sup>a</sup> subio ainda ao pulpito, pregando um sermão analogo.

SERVICO IMPORTANTE.—Acaba de prestal-o o Sr. capitão Annibal Conrado, á redacção deste periodico; encarregando-se de agenciar-lhe assignaturas, que de facto obteve-as em numero superior a 40: agradecemos cordealmente tão espontanea e valiosa coadjuvação.

VAPOR « PIAUHY ».—Nos dias 9, 10, e 11 do corrente, tentou-se deitar n'agua aquelle novo vaso da companhia de navegação a vapor no rio Parnaíba; não conseguiu-se porem, apesar de já estar elle com a prôa perpendicular á margem do rio propriamente dita: aconteceu isto por não terem sido previstas todas as difficuldades do terreno a transportar. Agora, talvez que só para o mez vindouro cahirá n'agua o supradito vapor.